

A maternidade, o trabalho doméstico e a identidade feminina: um estudo particular

Ana Lúcia Machado¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir a questão da maternidade e das atividades domésticas enquanto elementos que constituem a identidade de mulheres de uma dada periferia da Grande Florianópolis. Nossos esforços nos levam a crer que a identidade do grupo de mulheres aqui pesquisado (como de muitos outros grupos) esteve quase sempre voltado para o mundo da casa onde os filhos e o serviço doméstico definem o ser mulher, muitas vezes, implicando mais privações que realizações.

Palavras-chave: Habitus, Maternidade, Trabalho Doméstico, Identidade.

Abstract: The present paper try to discuss the maternity and the home activities as elements that constitute the women identity of a suburb in Florianópolis. Our efforts drive us to believe that the identity of this group of women (like many others) was almost always focused to the “house’s world” where the sons and the household shores define the human being woman, many times it means more sacrifice than achievements.

Key-words: Habit, Maternity, Home Activities, Identity.

As reflexões que apresentamos neste artigo fazem parte da dissertação que defendemos em outubro de 2000 no Mestrado de Educação e Cultura da Universidade do Estado de Santa Catarina cujo título “Identidade e Sexualidade em Foco: um estudo sobre a moradora do Pedregal”. O recorte que segue trata de questões como maternidade e vida doméstica na construção da identidade da moradora de uma localidade periférica da Grande Florianópolis mais especificamente no município de São José, no caso: o Pedregal-periferia que foi desde o seu início marcada pela pobreza, pela miséria, pela ausência e pela desesperança.

Pedregal é tipicamente formada de pessoas que, não tendo poder aquisitivo para comprar um imóvel para morar, foram chegando e ocupando a localidade em fins da década de 70 e início da década de 80. Migrantes, ex-agricultores, produto da fuga do campo, que sonhavam em ter uma vida melhor nas grandes cidades, conseguiram apenas atingir a

¹ A autora é professora da rede pública municipal de Florianópolis. Concluiu sua especialização em “Ação integrada dos especialistas em assuntos educacionais” em 1994, com a monografia “O educador e a sexualidade. Em 2000 concluiu o mestrado em Educação e Cultura, defendendo a dissertação: “Identidade e sexualidade em Foco: Um estudo sobre a moradora do Pedregal.” (em fase de publicação).

periferia da cidade, único lugar onde foi possível instalar-se e abrigar a família, apesar da precariedade, da carência, da falta de serviços públicos e de infra-estrutura.

Para construir as reflexões aqui propostas entrevistamos 16 moradoras do Pedregal tendo elas entre 18 e 60 anos de idade e tempo de vivência na localidade também bastante variado.

Atualmente, é bastante comum, nas famílias, mulheres que desempenham jornadas de trabalho duplas; ocupando-se do privado mundo do lar e de atividades remuneradas fora do mesmo para, muitas vezes, garantir o sustento familiar. Nas mais variadas camadas sociais, a “mãe” deixou de ser aquele elemento que estava sempre ciente das coisas do lar. Hoje, o mercado de trabalho e as necessidades econômicas buscam a mulher, sendo ela mãe ou não. É certo, também, que o número de trabalhadoras por opção, por realização. Porém, cresceu drasticamente o número de trabalhadoras que, não tendo outra saída, precisam conformar-se com péssimos empregos e péssimos salários, acumulando mais e mais tarefas.

Na construção da identidade das mulheres aqui pesquisadas aparecem elementos antigos e novos. A maternidade, muito valorizada, funciona quase como uma coerção social, e aspirações profissionais e consumistas que tendem a impulsionar esta mulher em busca de trabalho. Assim, ser mulher é ser mãe e ser alguém é ter emprego, receber salário, residindo o problema em: O que fazer com os filhos quando se vai trabalhar? E quando se volta do trabalho há mais trabalho para realizar na família, trabalho este que muitas vezes envolve os filhos? Como conseguir um bom trabalho sem estudo? Como estudar com filhos para cuidar?

Os valores de gênero também parecem ser ora tradicionais e antigos, ora modernos. O serviço do lar é quase sempre um dever feminino, uma obrigação da mãe e até mesmo das filhas; ao homem cabe ajudar, conservar a casa limpa e organizada. A ele cabe trazer o dinheiro para o lar e quando é a mulher quem vai também trabalhar ela entende que está apenas “ajudando” o marido. O conflito parece aparecer quando muitas, ao fim da entrevista, se dizem infelizes. Não podemos negar o peso da carência econômica na qual se encontram, mas é preciso salientar que as contradições entre os padrões incorporados e as necessidades postas tornam as identidades destas mulheres bastante flexíveis.

Entendemos que a identidade deste grupo, como de qualquer outro, é algo processual, dinâmico que se constrói mediante a apropriação crítica da tradição “como aprendizagem, como fluxo criador como memória social aberta o que significa que sua construção é histórica e integra uma nova síntese que certamente agregará outros setores da sociedade” (Carvalho, 1985: 21), bem como outros modelos tão amplamente divulgados socialmente. Ser mulher, mãe e ter uma profissão é algo vivido de forma bastante diferente em cada camada da sociedade e para algumas mulheres são coisas impossíveis embora muitas vezes desejáveis. Ainda que as identidades das mulheres entrevistadas tenham sido elaboradas voltadas quase que única e exclusivamente para o interior da família para o mundo da casa, o mundo da rua parece ser ora um desejo, ora uma solução.

Para Habermas (1989), a identidade de um determinado grupo é guiada pela memória do grupo que preserva uma forma particular de ser sem negar a possibilidade de novas aprendizagens já que a “identidade social do grupos se constituiria, assim, através da apropriação crítica da tradição por parte dos integrantes do grupo (Habermas apud Volpato, 1989: 12). Como em termos de humano nada é eterno e definitivo, identidades criadoras, práticas tradicionais, resistência e naturalização até podem ser ambigüidades da cultura já

que a “ambigüidade é a forma de existência dos objetos da percepção da cultura” (Chauí, 1994:123).

Na perspectiva de Vaitsman (1997), a pobreza não elimina a possibilidade de novos valores, projetos e sonhos e “a noção de indivíduo — enfeixando valores de privacidade, autonomia, auto desenvolvimento e igualdade” não está ausente do imaginário e da identidade das mulheres de baixa renda. Novas perspectivas de vida, discursos ambivalentes, valores de gênero tradicionais convivendo com valores modernos e transformações nas concepções de hierarquias são algumas das questões que apontam para uma ausência de significados fixos, o que existe, é uma pluralidade de mundos simbólicos.

Bourdieu (1982), quando conceitua habitus como estruturas estruturadas e estruturantes que orientam práticas e representações, deixa claro que o habitus é um esquema durável, mas também flexível já que permite ajustamentos quando o cotidiano assim exigir.

Sendo assim, podemos concluir que o habitus tende a estruturar de forma inconsciente, tendo em vista que ele funciona como “um sistema de categorias de percepção, de pensamento e de ação que faz com que as escolhas naturalizadas da tradição pareçam como arbitrárias fundadas no costume e não na natureza”

(Bourdieu, 1982: 137). Partindo desta conceituação, podemos analisar os discursos e as práticas do grupo de mulheres entrevistadas da seguinte maneira: a vivência dentro de uma cultura em que se expressa a dominação masculina construiu em seus pensamentos e corpos formas de ver o mundo e de se portar a partir de uma divisão sexual. Exprime-se, assim, que é “normal” que o serviço “da casa” seja realizado pela mulher e o serviço remunerado da rua (o público) seja realizado pelo homem. O marido não precisa deixar a mulher consciente de seus passos, mas a mulher precisa dar satisfações ao marido de seus atos. Neste contexto, é “natural” que homem bagunce e a mulher arrume é também “natural” que a mulher se submeta às ordens do homem (pai ou marido), assim como a educação das meninas deve ser mais rígida que a educação dos meninos. Também é natural que a mesma mulher que educa sua filha para a docilidade, passividade e submissão rebele-se contra seu marido (alcoólatra, violento, desempregado) e siga sua vida sem depender de ninguém.

O serviço de educação que se faz através do habitus da dominação masculina é eficaz, mas os atos realizados mediante determinada realidade podem não ser fiéis ao que foi construído ao longo dos tempos. A dicotomia que surge perante os indivíduos que assistem ao cotidiano compõe um novo pensar, um novo conhecimento sem, no entanto, negar as experiências passadas, o sistema de disposição do próprio habitus.

Em nossa sociedade é importante que o homem cumpra o seu papel de provedor para que a mulher exerça as representações da forma que as incorporou. O que percebemos é que quando os papéis são trocados ou alterados cria-se um conflito resultante de dicotomias postas, de interpretação de novos valores e aspirações tão bem veiculados. “Seria preciso um novo vocabulário para se falar sobre a condição atual dessas mulheres, que participam simultaneamente de um mundo onde o cotidiano marcado pela pobreza, exclusão e ausência de direitos não deixa de ser interpretado por aspirações e valores modernos” (Vaitsman, 1997:319).

“Ser mãe é tudo que uma mulher possa querer ser na vida, para ser realizada a mulher tem que ser mãe...” (Cleusa)

A construção da identidade das mulheres entrevistadas, de uma forma mais abrangente, esteve quase sempre voltada para o mundo doméstico, para os papéis de esposa e mãe. No grupo entrevistado pareceu bastante claro que o mundo profissional e a formação

escolar foram negligenciados pela família e também pelo micro cosmo onde viveram e vivem. Hoje, as pretensões profissionais e educacionais parecem estar mais relacionadas às possibilidades de consumo, de ter uma casa melhor, melhores roupas, e até melhores escolas para os seus filhos do que propriamente a um crescimento enquanto pessoa embora o “ser alguém melhor” também tenha aparecido. Os sonhos relativos a uma melhor formação educacional e profissional estão mais vinculados aos filhos e filhas, porém mais propriamente aos filhos do que as filhas, pois elas sabem que precisam fazer com que seus filhos desempenhem, no futuro, o papel de provedores e às filhas bastará serem boas donas de casa o que não de aprender ajudando as mães no serviço doméstico.

As mulheres do Pedregal incorporam este padrão de vida, em que a esfera doméstica representa o ambiente próprio e natural da mulher. A esfera pública, onde se situa o mercado de trabalho, a vida social nos bares, a diversão num campo de futebol ou mesa de jogos, não faz parte do imaginário das mulheres, das suas vidas e suas práticas.

O ideal de esposa e mãe foi e é exaustivamente construído e incentivado como marca essencial da identidade feminina. A necessidade de trabalhar fora para auxiliar no orçamento doméstico cria situações de conflito para elas, pois os filhos e os cuidados para com o lar limitam, muitas vezes, as possibilidades em arrumar um emprego e, até mesmo, uma formação profissional. Nos discursos, os filhos ora aparecem como uma benção de Deus, como a finalidade do “ser mulher”, ora como um fardo que limitou suas vidas, que as privou da possibilidade de estarem empregadas, de terem um lugar melhor para morar, de serem consumidoras e realizarem os seus sonhos de consumo tão instigados pela mídia. É um discurso ambíguo, permeado de contradições.

“Ser mãe é uma coisa boa, se eu pudesse voltar eu teria feito tudo igual! Agora, as gurias aqui do bairro, se eu fosse elas, eu não iria andar fazendo folia com elas fazem, se eu pudesse voltar no meu tempo, eu ia pensar muito porque tem muitas mulheres que não pensam nas coisas e agora, eu acho que se fosse pra voltar eu já penso nas minhas filhas, já sou casada e aí não vai adiantar nada, mais nada, eu querer voltar ao que era antes! [...] E é assim que eu vou vivendo, trabalhar eu não posso, as filhas têm bronquite [...], mas o que eu queria mesmo era trabalhar para ter dinheiro[...]” (Flora)

Eu me casei porque conheci o cara, comecei a gostar dele, ele começou a gostar de mim, quando eu vi, eu já estava grávida foi então que me casei. Eu casei porque na verdade eu gostava dele, se eu não tivesse grávida eu tinha esperado para casar, teria terminado meus estudos e não teria me casado tão nova. Pra mim ser ,mãe é muito importante, eu tenho o meu filho que eu amo muito, eu acho muito importante ser mãe! Se eu pudesse voltar no tempo eu teria o meu filho novamente. Filho não é uma coisa assim planejada, mas vejo porque era para mim! O sofrimento acontece com toda mãe!” (Fernanda)

O exercício da maternidade parece anular a identidade da mulher “com direitos”; ser mãe é algo vivido com sofrimento e privações ao mesmo tempo que, por outro lado, é o que “realiza uma mulher”. Nessa vida dura, rude e sem grandes, atrativos, o olhar feminino é treinado para o papel da maternidade e não para a conquista e usufruto de direitos que aliás parecem, muitas vezes, serem desconhecidos. A maternidade, ela sim, é vista como um direito e um dever não importando as condições em que se dá. É importante ressaltar que os filhos são quase como acontecimentos, a expressão “tinha que ser porque era para mim”,

demonstrando fatalidade e conformismo, permeou de forma explícita ou implícita a grande maioria dos discursos.

Nas falas das mulheres entrevistadas percebemos que há, quase sempre, uma consciência quanto aos limites que lhes foram impostos pela maternidade e, depois, pelo tempo que se dedicaram aos filhos, muito embora elas se achem sem grandes expectativas quando os filhos já não precisam mais dos seus cuidados e muitas tratam logo de adotar uma criança, muitas vezes os netos ou mesmo crianças abandonadas. O imaginário feminino povoado de mitos que reforçam como mais importante função da mulher a maternidade só torna mais ambíguo um discurso em que ser mãe é mais que um direito, é acima de tudo um dever, não importando o seu peso. Talvez o não exercício da maternidade simbolize incompetência, aleijamento, sem importância, sem utilidade, sem função, dispensa. E se não for mãe o que vale a pena uma mulher ser?

As falas sustentam a idéia de que houve uma certa estagnação depois do casamento e dos filhos; sustentam, também, a impossibilidade de trabalhar e auxiliar no orçamento doméstico. A expressão “se eu pudesse voltar atrás” é seguida pela fatalidade de um destino do qual não se pode escapar: “faria tudo igual” pois a maternidade e o casamento são finalidades do ser mulher que cumpre uma pré-determinação divina e implacável:

“Deus deu pra mim ser mulher então eu tenho que ser mulher. Eu acho que mulher sofre mais!” (Flora)

“Pra mim é importante ser mulher, o companheirismo, ser uma boa dona de casa, ter suas responsabilidades, eu acho que é isso ser mulher.” (Cristine)

“Mãe é uma dádiva de Deus, uma dádiva que Deus deixou para nós para que possamos dar o melhor de si, o amor e o carinho. A mulher que é mãe é mais importante!” (Rita)

Para essas mulheres ser mãe e dona de casa são coisas importantes mesmo que o preço a ser pago não seja a felicidade profissional, o ingresso em um bom emprego, a possibilidade de consumo, valores que perpassam pelos seus mundos e sonhos. Muitas vezes, diante da pobreza e da penúria o filho e a vida doméstica simbolizam uma certa impotência quanto a possibilidade de sair de tal estado:

“Eu pensava em estudar mas depois que engravidei não pensei em mais nada; pensei em criar os meus filhos... Depois que esse neném nasceu eu vou colocar na creche e aí eu vou trabalhar! Vou trabalhar de doméstica porque eu tenho pouco estudo e agora não vai dá mais para eu estudar.” (Ione)

“O fato de eu ter me tornado mãe cedo foi bom porque eu amadureci [...] não é fácil ter que trabalhar e ter que cuidar de um filho [...] se eu pudesse, com certeza eu iria fazer tudo diferente!” (Alice)

Infelicidade e felicidade estão quase sempre presentes no mesmo discurso. Algumas das entrevistadas concluíram que a maternidade e o casamento tornou-as mais completas e felizes ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, afirmaram que se pudessem dariam um novo rumo às suas vidas. Outras, conscientes dos desígnios femininos disseram que repetiriam tudo novamente. Houve unanimidade quanto á percepção acerca das dificuldades que comporta o fato de ser mulher; algumas afirmaram, com grande convicção que, se pudessem nascer novamente, seriam homens, já que a vida de homem é melhor que a vida de mulher.

Eu acho que ser mãe é uma barra! Tudo de ruim ficou para a mulher, fica para a mulher dar a luz, ficou para a mulher ser submissa ao homem. Ela continua fazendo o serviço dela e muito mais. Hoje, ela faz tudo o que fazia antes: lava, passa, cuida dos filhos e ainda trabalha fora, trabalha dobrado. Ela faz o serviço dela e muito mais ela faz o que o homem não pode fazer. Ela superou o homem! (Dona Rosinha)

A fala acima, ambígua e contraditória, reflete valores sociais também ambíguos e contraditórios. A mulher superou o homem, mas tudo de ruim ainda fica para a mulher, porque é “natural que a mulher carregue uma carga mais pesada que o homem, pois tem coisa que só cabe á mulher fazer, tem coisa que o homem não pode fazer: limpar casa, cuidar de filhos etc.”, o fato de a mulher ter assumido mais funções lhe enaltece moralmente.

A mulher superou o homem porque assumiu mais funções, porque faz o serviço da casa, serviço este que o homem “não pode fazer”, mas precisa ser mais reservada, mais guardada, sua educação deve ser mais rígida, mais severa pois ela, a mulher, é o sexo frágil.

As entrevistadas, ao mesmo tempo em que vêem a mulher como alguém com mais qualidades que o homem pois suas atribuições incluem gerar e educar os filhos, cuidar da casa e contribuir para o orçamento doméstico — percebem a mulher mais como um objeto a ser conservado do que um sujeito com vontades, direitos e capacidades próprias. E na relação com as filhas que se percebe que educar uma mulher é mais difícil que educar um homem.

“Educar as meninas é mais difícil, porque tem que conversar muito desde o começo quando começa a ficar mocinha. Acho que menina é mais difícil de educar porque ela logo começa a sair, começa a ter namoradinho e hoje em dia, os homens só querem aproveitar eu sei! Comigo mesma, que já tenho um pouco de experiência , porque peguei barriga muito cedo. Acho que tem que conversar muito, minha mãe não conversava muito comigo porque ela tinha que trabalhar. Menina tem que dar muito conselho, depois que solta, aí, já foi!” (Ione)
“Eu acredito que a educação deva ser mais severa que a educação do menino porque a menina é do sexo frágil, ela é companheira da gente, ela tá mais dentro de casa [...]” (Rosinha)

Os discursos refletem o que socialmente se estabeleceu como certo: a mulher deve ter um olhar mais aguçado para os afazeres domésticos e este olhar é percebido como algo natural, como algo próprio do ser mulher. Claro que numa sociedade que valoriza mais o homem que a mulher, as atividades rotineiras intermináveis e de certo modo desprezíveis, pois sempre estão por fazer, caberiam ao elemento feminino; ao homem cabe o mundo público da conquista, das economias, das bem-feitorias, das conquistas.

A imagem que fazem de si próprias é a imagem que a sociedade dominada pelos ideais masculinos deixou que fizessem de si mesmas, muitas vezes se vêem além do que já foi estabelecido, assegurando, assim, padrões bastante questionáveis como por exemplo que algumas atitudes são específicas de cada sexo e que não adianta questionar. Na verdade esta forma de pensar exprime o longo processo de condicionamento a que foram submetidas.

A própria “dominação masculina” expressa-se nas falas das entrevistadas como algo divino, pronto e acabado. Portanto é natural que as filhas repitam os “destinos” das mães, que se casem e tenham filhos, que sejam boas esposas e saibam fazer o serviço de casa, que não se “percam” porque depois fica difícil arrumar marido.

Quando o homem participa das atividades referidas ao lar ele está dando uma ajuda, pois ao que parece ele não tem obrigações relativas à educação dos filhos, preparo dos alimentos, conservação da limpeza da casa e, quando a mulher colabora com o orçamento doméstico trabalhando mais de oito horas como faxineira, vendedora ou doméstica ela mesma se percebe como dando uma “ajuda”. Não muito raro, as mulheres que não trabalham disseram frases como: “eu não faço nada”, desvalorizando o trabalho doméstico e ou desconsiderado-o.

“A vida da mulher não é fácil. Eu acho que é mais fácil ser homem. Veja bem: se tu sai o marido dá uma ordem pra ti chegar tal hora; eles não, eles saem e não sabem que hora chegam em casa. Os maridos não concordam em deixar você sair igual como eles saem, qual marido concorda? O marido tem mais direitos. Tudo é o marido! Cuidar da casa é obrigação minha, né? Porque, para arrumar um guarda-roupa tem que ser eu. Quem tem que limpar a casa? É a mulher, né? Ele até sabe, mas se eu tô com saúde ele chega cansado [...] eu ponho até a comida no prato dele, arrumo na mesa, deixo direitinho pra ele” (Dona Kelly).

No discurso desta entrevistada há uma clara percepção de que ao marido compete trazer dinheiro para a família e a esposa compete as obrigações domésticas e a quase total servido e obrigação para com o marido, Dona Kelly afirma, ser o marido quem mantém a casa ao mesmo tempo em que diz “eu só ajudo a fazer o algodão doce em casa, eu tenho a máquina. Eu faço algodão doce todos os dias[...] a gente conseguiu bastante coisa só com o dinheiro do algodão doce[...] Tem que levantar bem cedo, de noite ainda, às duas ou quatro horas[...]” É bastante presente a falta de entendimento quanto ao valor do seu trabalho, mesmo quando a atividade de dona de casa é a principal ocupação da entrevistada e a mesma reconheça o quanto seu trabalho é penoso e sem fim, há muitas vezes uma falta do seu reconhecimento, um desconhecimento de sua função como prioritária. Muitas das entrevistadas reconhecem o quanto é penoso o serviço doméstico, mas entendem que o trabalho que é remunerado tem um valor maior.

Caldeira (1984), expressa que a repetição das atividades domésticas fazem com que a dona-de-Casa “perceba o tempo de uma maneira fluida”, sem horários fixos as tarefas são sempre realizadas em ritmos irregulares o que faz com que as mulheres estejam sempre a disposição da casa e daqueles que nela vivem.

Nas entrevistas, ao falarem sobre si próprias, algumas entrevistadas sequer deram-se conta do quanto foram capazes, perspicazes e importantes para a família e para a comunidade em geral. Apenas quatro das dezesseis entrevistadas demonstraram orgulho em ser quem eram e terem construído a história que construíram.

Jeni Vaitsman (1997) salienta que a participação da mulher de baixa renda na esfera pública do trabalho está mais vinculado á pluralidade de mundos do que preferências ideológicas. Segundo a autora, mudanças culturais constroem-se dentro de duas lógicas: reprodução de valores tradicionais e rompimento com o tradicional e produção de novos valores. Para a autora as camadas populares não permaneceram á margem dos processos que envolviam significativas transformações sociais, a modernidade produziu novos valores entre todas as camadas sociais inclusive nas camadas mais populares e pobres.

O e constatamos é que valores como casamento e maternidade são idealizações incorporadas culturalmente pelas entrevistadas e que têm causado muitas frustrações. Muitas mulheres foram “parar” no Pedregal em busca da casa própria e hoje têm consciência da precariedade do local e da moradia que nele conseguiram habitar. O

casamento (dois terços das entrevistadas não têm registro da união, do casamento mas sim da vivência regular como tal, apesar de o registro ser um valor bastante apreciado por elas), algo que as entrevistadas aprenderam e foram inconscientemente levadas a desejar, como sendo sinônimo de felicidade e finalidade feminina, mostrou sua contradição quando elas começaram a perceberem-se infelizes, tendo em vista a desestrutura social e econômica em que o mesmo está inserido.

Ser mãe é importante para uma mulher mesmo que ela venha a reconhecer que a maternidade tenha lhe dado mais insatisfações do que satisfações, tenha lhe dificultado outras formas de viver a vida com mais independência e menos dificuldades afetivas e econômicas pois, num mundo rodeado de violências, drogas e miséria o que menos se pode garantir é que os filhos estarão a salvo das desgraças da vida dando aquelas que os pariram orgulho e satisfação.

Logo, infelizes ou não, é para o papel de dona de casa, esposa e mãe que esperam bem educar e preparar suas filhas já que toda boa mulher deve ser mãe e toda boa mãe deve ter um companheiro que lhe garanta um lar, o respeito da comunidade e a certeza de que se está percorrendo o caminho que deve ser percorrido por toda mulher.

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, jul/dez de 1995.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, Edgar de Assis. **Identidade e projeto político**: notas para a construção teórica do conceito na Antropologia. São Paulo. Série caderno. PUC – 20, 1985.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MICELI, Sérgio. Introdução. In: **Bourdieu**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982

VAITSMAN, Jeni. Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda. In: **Estudos feministas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Os trabalhadores do carvão**. A vida e luta dos mineiros de Criciúma. Tese de Doutorado. Florianópolis: USP, 1989.